

Entrevista com Pai Ícaro de Oxossi

IO: 04 de maio de 1968 eu fui iniciado na nação Efon, na casa dos descendentes de meu pai Valdemiro também já falecido. Quem fez meu santo foi Valter da Costa e Gamo de Oxum, com a supervisão de meu pai Valdemiro. É, 18 anos meu pai Gamo vem a falecer e eu ainda tinha que tomar obrigação de 14, 21, que tem na nação do Efon e quem acabou de completar foi meu pai Valdemiro, já sem a presença de meu pai Gamo. E eu sempre fui criado na casa dele, a casa que eu mais vivi mesmo foi com meu pai baiano, até morei com ele, 5 anos. Ele me deu todo apoio, tudo que eu sou.

Pra mim ainda esta um pouco difícil falar dele, porque desde os 14 anos de idade, eu vou fazer 57, é uma vida. O pai que eu conheci foi ele, ta? E eu não estava aqui, estava em Paris quando ele faleceu, eu tenho filhos de santo lá, em Lisboa. Eu não estava e a dor foi pior ainda. Mas como eu já tinha dito, eu fiz santo de Efon, mas ele tinha tomado obrigação no Gantois, então teve que implantar uma coisa à outra, só veio a somar, devemos todo respeito agora ao Gantois e a minha mãe Carmem que é uma pessoa sem preço.

(No quintal atrás do barracão) Então, aqui é o Abo Ode(comida para oxossi) no pé da jaqueira, aqui é o Irôco. Aqui é o quarto do Obaluayê que esta remodelando, o quarto de obaluayê que ficou de herança de minha mãe Tereza, que ela é filha de santo de seu João da Gomeia, ficou de herança pra mim e eu fiz um quarto especial pro Omolú dela. Aqui é o quarto de Oxossi, o meu rei. Ali é o quarto de Ogum e Oxossi, dos filhos de santo. Ali é a casa do caboclo, tudo aquilo lá, aqui atrás é onde ficam os filhos de santo que agora eu vou derrubar e fazer lajens pra fazer quartos em cima pra esse pessoal todo. Aqui são os dendezeiros e atrás do quanto de Obaluaê é onde mora Alê, o Exu de Obaluayê. Aqui é um espaço livre, o refeitório, aqui é quarto pra quando minha mãe Ilza vem, então é um lugar pra ela descansar, que eu fiz pra ela. Lá na frente mais é o sabagí, onde veste os santos, onde estão todas as roupas do santo. Pra lá (atrás do sabagí) é a minha casa ta? É lá que eu fico quando eu venho pra cá, o meu espaço, meu quarto, meu banheiro, minha cozinha. Eu moro mesmo em São João, lá no centro. Aqui é o espaço do caboclo, ele não gosta de muita..., então eu fiz esse espaço pra ele, a gente toca dia 19 e 20 de janeiro. E 20 de janeiro é meu aniversário.

Eu trago muito a família, eu gosto muito, meu filho é feito de santo, Obaluaê, meu netos vão se iniciar, acho isso muito importante, preso muito por isso. Aquele lá é Ogan Vagner, aquele é Ogam Junior. Olha só, Rogério de Xangô, também tem casa aberta la em Manilha, Pai Alexandre, Ogan Vagner, Ogan Julio, Mãe Alexandra, Leonardo de Oxaguian, Sabrina de Ogun, Lucimar de Oxum, Bete de Oxum, mãe e filha, aqui é Ester e Abigail.

Bruno: Aqui seria a cozinha do candomblé?

IO: Não, aqui esta provisório por causa da obra que eu vou fazer lá atrás, aqui vai ficar tudo pro caboclo. Aqui atrás, eu vou botar tudo no chão e fazer uma cozinha pros orixás e cozinha pra branco, cozinha de preto e cozinha de branco. Em cima eu vou fazer os quartos pra acomodar o pessoal que fez 40 anos. Dia 4 de maio eu faço 40 anos de santo.

Aqui são mais dois quartos que eu deixo pras visitas. Aqui é minha casa e aqui é moradia. Aqui é Exu do portão e aqui é Ogun. Aqui, fica bem explicado uma coisa, não é Ogun do portão que não tem Ogun do portão, é que a casa de Ogun era aqui na frente, cedeu o terreno, eu tive que passar a casa de Ogum lá pra trás, então eu deixei o Ogun aqui na frente pra lembrar que aqui morava Ogun, mas não existe Ogun do portão, Ogun é caminho.

(No barracão) Bruno: O senhor pode explicar pra gente (sobre as molduras na parede)? Pode começar pelos diplomas.

IO: Aqui é porque, quando fez a, quando eu fiz meu testamento, porque eu tenho filho né. Aqui eu fiz uma sociedade, no caso do meu falecimento, eu dei a minha casa do Barro Vermelho para o meu filho, para que isso aqui fique só para a sociedade, o axé “Nla Odé”(alto do oxossi). Meu filho tem direito aqui sim, pra ajudar no culto, não de intervir no culto. Então para que não aconteça problemas, eu fiz aqui uma sociedade, no caso de minha morte, os mais velhos, eu também não vou deixar pra um pai de santo porque também quando vê é um, depois pode se transformar. Então o corpo docente que ficar vai eleger um pai de santo depois de um ano e se aquele pai de santo também não atender as necessidades ele sai, coloca um outro digno, que esteja a altura do axé, não é à minha altura porque eu sou um escravo daqui, que seja digno do axé e do nome da casa, é isso que eu quero. Se for uma mulher digna e de respeito, entra ela, se for um homem digno e de respeito, entra ele e se tiver alguma coisa errada, os mais velhos tem todo direito de tirar ele dali.

Oxossi ano passado (quadro da festa de Oxossi), infelizmente a última festa de meu pai Valdemiro, que ainda me dói, foi ali olha. Aqui foi os 30 anos de Oxossi, meu pai Gamo, que fez meu santo. Aqui são os dois homens que fizeram meu santo, outra vez meu pai Valdemiro. lákekerê, o último ano dela infelizmente. Minha mãe pequena, as mães de santo do Gantois a quem eu devo todo o respeito, que meu pai me ensinou a ama-las. Mãe Creuza e a atual mãe de santo mãe Carmem.

Com o ritmo de vida que eu levo, se eu fosse depender da minha aposentadoria eu estava passando fome, então eu tenho que trabalhar, eu tenho que ter atividade. Todo mundo tem que trabalhar, eu acho que é vida.

Márcia: A data de fundação daqui o senhor tem?

IO: 1965 (data errada, corrigida depois para 1975), 6 de junho de 1965. Num barco de três Yaôs. Andréia, de Omolu, Denise de Iansã e Genilzom de Iemanjá, foi o primeiro barco. Estavam presentes todo o pessoal que fez meu santo, toda minha família, estava a primeira Yaô de meu pai Baiano ao pai Gamo. É aquilo que eu te falei, tanto a família espiritual como a família biológica, eu sempre preso muito isso. Eu acho que sem isso não tem vida, não tem como, o respeito esta em cima da família.

Márcia: Diga um pouquinho sobre aquela história que o senhor estava contando, sobre o seminário, como veio a fazer santo, como foi?

IO: Minha família é umbandista, minha mãe freqüentava sempre terreiro de umbanda, meu pai, meu avô era vidente e, aos 9 anos, num centro de uma senhora ali no Barro Vermelho, dona Caçula, aonde a mãe de meu pai Gamo, minha vó Lala, também trabalhava. Eu um dia fui assistir uma sessão e falei pra minha mãe “mamãe, tem alguma coisa empurrando minha perna”, bem, era

o caboclo e aos 9 anos o caboclo me pegou e eu tive que entrar pro centro. Só que criança não quer ficar dentro de um centro. Minha prima que era muito religiosa começou a me levar pra missa, ia à missa, ia à missa e aos 14 anos, em 1964, foi fundado no Barro Vermelho, o seminário vestibular Paulo VI, o arcebispo era Don Almeida de Moraes Junior. Então quando fundou esse seminário eu fiquei encantado e entrei pro seminário. E minha mãe sempre fez todas as minhas vontades, comprou todo meu enxoval, recebi, fiquei lá, depois recebi batina. Eu fiquei de 64 à 66. Durante todo esse tempo dentro do seminário eu tinha o que eles chamavam de ataque. Durante a missa eu caia derrubando as cadeiras, atrapalhando a missa, era ataque, ataque, saía rodando com a batina, esta maluco, esta possuído e tem que sair, e fica, e isso foi uma luta durante 3 anos. E minha mãe muito severa, me manteve no seminário até que chegou o dia que Don Antônio, falou pra que ela me levasse pra casa e me deixasse durante uns 2 ou 3 anos, aí eu já estaria maior e ia ver como é que era a coisa. Quando foi dezembro de 1977, eu estava jogando futebol e fui lavar o pé numa bica e Ivone, que era mãe pequena daqui e que tinha feito santo recente com meu pai baiano. Ela olhou pra mim, nós começamos a conversar, batendo papo, ela perguntou se eu não queria ir até a casa dela a noite que ia ter noite de natal, ia ter ceia que era dezembro. Então eu me encantei com a conversa, acho que era tudo que eu queria. Me encantei com a conversa, com o pessoal, a mãe dela, e foi aquela maravilha, ela vou levar pra jogar. Mas naquela época era proibido jogo de búzios, porque seu Joãozinho era o rei do candomblé mas dava outros objetivos ao homem, então era uma coisa muito proibida. Então eu fui escondido, jogar com pai Valter, adorei, achei aquelas conchinhas subindo e descendo pra mim era tudo que eu quero, então eu comecei a freqüentar escondido no Boaçu. Ele estava construindo e fomos ficando, fomos ficando, em 77, 08 de junho de 77, foi colocado o primeiro barco no Boaçu, que é o barco de Carlinho, Clarice, Estela, Conceição e Ivonete, foi o primeiro barco, em 8 de junho de 77. Em abriu do ano seguinte, minha mãe era camareira de bordo, viajava e eu ficava com uma tia, uma senhora. E eu disse a ela que ia fazer uma viagem, aí à São Paulo e ia ficar 15 dias, peguei 50 cruzeiros da despesa que minha mãe deixou, levei pro Boaçu e fiquei, só que eu avisei à ele, “olha, eu só posso ficar aqui 10 dias, minha mãe vai voltar e vocês não conhecem minha mamãe!” A, tudo bem, meu pai Gamo sempre foi muito estirado, tudo bem pode ficar. E Baiano, ia subir Baiano, ia subir todo mundo e eu fiz o santo, pra resumir. Só que todo mundo foi embora e os Yaô ficou, e eu dizia “meu pai Gamo, eu tenho que ir embora”, não, espera mais um pouco, espera mais um pouco, fiquei. O nome do santo foi no sábado, no domingo teve a quitanda, eu fiquei, segunda, terça, quarta, a quinta feira fatídica. Estava todos sentados, eu sei que olhei... na janela, vi saltar aquela baixinha e três carros da polícia, eu falei “gente corre que mamãe chegou”, era minha mãe. Todo mundo! E minha mãe gritava, minha mãe saltava, minha mãe esperneava, batia, falava, mas foi muito bom porque não tem como ter dúvida de que eu fiz santo, esta registrado na delegacia (rs). 4 de maio de 1968.

Márcia: Mas ela não conseguiu tirar você de lá?

IO: Não, não teve como, mas eu já estava pra ir embora, eu já tinha descido, mas aí depois da briga, da confusão ela cedeu, eu falei à ela “mamãe, fica maluco” e botei um medozinho e ela deixou eu cumprir o resguardo, só que

toda vez q eu ia sentar na esteira e bater palma ela chamava a vizinhança inteira “meu filho esta maluco, batendo palma pra comida“, era uma comédia. Morreu aqui dentro. Engraçada? Era um terror, a baixinha era um terror. Então ela consentiu que eu fosse ao Boaçu tirar o kelê e nunca mais voltasse. Foi a mentira que dei à ela “ta bem, eu fui tirar o kele e nunca mais volto”. “Vai aonde?”, “Vou ao baile do Vila Laje”, mentira, ia pra macumba e assim fui levando minha vida. Fiz 18 anos em 20 de janeiro... fiz 50, 57 anos, estou no candomblé desde 64. Mas aí eu continuei, pra não magoar mais minha mãe, ela tinha a religião dela e eu a minha. Então eu fiz 18, tomei obrigação de ano com 19. Já tinha havido uma briga entre pai Gamo e pai Valter e tinha se separado. Eu pra não ficar do lado de um ou de outro fui morar com meu avô em São Paulo. Morei 5 anos com Baiano e acho que foi daí que veio a minha dedicação total, porque morando com Baiano era caboclo segunda e quinta e santo terça, quarta, sexta, sábado e domingo. Era macumba geral, macumba, meu pai Baiano nunca viveu outra coisa, ele nunca foi a um cinema, a única coisa que meu pai ia era no desfile de miss no Maracanãzinho, só, ele não foi à cinema, ele não foi à teatro, ele não foi à praia, ele só foi ao orixá, a vida de seu Valdemiro, só sabia conversar também de Orixá, ele não conversava outra coisa, a vida dele era pro orixá, nasceu, cresceu e morreu pra isso. Então eu morei com ele 5 anos e quando eu voltei de lê, eu já estava trabalhando, fui trabalhar no BCN como guarda de banco, saiu minha nomeação no Estado como auxiliar de enfermagem, trabalhei durante 1 ano como primeiro bailarino do hotel nacional, no show “brazilian folli”, e de lá eu brincava de candomblé, em 75. Abri a casa do candomblé e botei o primeiro, aí comecei a botar barco, botei um, botei dois, botei três, botei quatro, aí a coisa ficou fácil, fui botando fui botando, tenho um bocado de santo. Morei lá durante 5 anos que era uma casa alugada. Deus e Xangô me ajudou e eu comprei aqui, que era onde eles queriam, que eles me trouxeram pra cá, e aqui eu fiz esse mundinho.

Márcia: Aqui quando começou como era?

IO: Mato puro. Eu sou pedreiro, eu ajudei a começar a levantar aquela casa lá, eu e o pai dela. Ele me ajudava sábado e domingo que ele trabalhava, tinha um rapaz chamado Sampaio e um senhor que já faleceu, mas eu casei cada pedaço dessa casa, eu aprendi a juntar tijolo, fazer a massa, carregar nas costas, sol a sol pra fazer aquela casa lá, ao lado onde eu morava, e depois fui esticando. No dia em que eu entre com a mudança, dia 22 de março, estava chovendo, quando eu abri a porta, era melhor voltar pro caminhão. Com a lajem que eu bato chovia mais dentro de casa do que de fora, a água descia por ali, chora, chora daqui, tampa dali. O Exu que pai Gamo canto ele já morou numa cerca de uma bananeira, ele morou na varanda, ele morou lá trás e agora ele tem um palácio, eu digo você tem um palácio meu amigo, custou pra chegar aí.

Márcia: Quer dizer que no início era uma casa de moradia que depois foi se estendendo?

IO: Mais pra moradia. O barracão era na sala, do lado era onde eu dormia e ali eu fui tocando a vida. Fiz dois quartos em cima que eu passei os santos pra morar, depois fiz uma cerca de bambu aqui, cerquei tudo de bambu que era onde eu botava os Yaô, pra dar nomes, festas, as festa eram aqui no barro. Só tinha aquela casa ali de seu José, a de Ivonete na esquina, um barraquinho ali

na esquina, seu Valdecir ali, fica aqui atrás e seu Pedro ali do lado, só, não tinha mais nada, daqui, a gente ia direto ali no asfalto, o pessoal subia e descia por aqui. Aqui foi minha vida e ele aqui me acompanhando.

Márcia: Tem fotos?

IO: Tem, muita foto.

O axé tem 32 anos. Ela fez santo no mesmo lugar que eu, com o pai Valter. Com o falecimento dos pais foi isso que aconteceu, nós fomos nos agregando uns aos outros.

Você conhece o disco, que agora é o Extra (em São Gonçalo), ali que era a primeira casa, segundo aquele canal, no final, lá era a casa que eu aluguei que se chamava Vila Três. Me alugou a casa e pediu pra que eu não mexesse em nada, 6 meses depois ele voltou ele caiu no portão, porque eu meti a marreta, abri um quarto pra cá, um quarto pra lá, todo no supapo, de supapo, e quem me ajudava eram os orixás em! Porque eles eram muito preguiçosos então os santos faziam.

Márcia: Então quer dizer que ainda chegou a tocar candomblé ali no Vila Três?

IO: 5 anos! 5 anos lá no Vila Três. Na minha casa que eu aluguei, só que eu construí do lado, puxei uma porta pra lá, uma porta pra cá, o homem ficou doido, “o que vocês fez na minha casa?”, agora já esta pronto deixe estar. Aí quando eu saí eu deixei pra ele. Mas ele gostou tanto da obra que deixou como estava.

Bruno: E o terreno aqui sempre foi o mesmo tamanho?

IO: Sempre foi o mesmo tamanho, 998 m², são dois lotes. É que um lote termina assim em cima e o outro do lado de lá.

Márcia: Como é o calendário de vocês?

IO: São datas fixas, tem datas fixas. A primeira semana de maio é Oxalá.

Márcia: Aqui vocês seguem Keto?

IO: O calendário do Gantois. Abre com Oxalá. Aqui é Efon, só que nós estamos afiliados ao Gantois por causa de meu pai Baiano. Sou feito de Efon, mas, estamos subordinados ao Gantois, porque tomei obrigação de 14 e 21 no Keto, no Keto de Valdemiro Costa Pinto, que é do Gantois. Todo respeito à minha mãe Carmem, tudo o que eu faço é nas ordens de minha mãe Carmem. Inclusive eu tenho que ir à Salvador pra dizer a ela que estou subordinado à ela, porque Baiano faleceu agora faz 2 meses e eu tenho que ir lá dar satisfação a ela agora de tudo que faço. Tenho todo respeito ao Keto, aqui toca muito Keto, mas eu sou Efon. Mãe Carmem de Oxaguian, uma princesa, você vai ter dia de conhecer a educação, a humildade daquela senhora. É uma mãezona mesmo, abraça todo mundo com todo o carinho e dedicação, um doce de pessoa.

Márcia: A gente estava falando sobre as festa de calendário.

IO: Primeira semana de maio é Oxalá. Na semana de corpus cristi, é a função. É assim olha, segunda-feira é Exu, terça-feira é Ogun, na semana de corpus cristi, quarta-feira é Xangô, quinta é a alvorada de Oxossi e o café da manhã, a tarde é o presente de Oxum. E sábado é a festa de Oxossi, no sábado seguinte a corpus cristi é a festa de Oxossi.

Márcia: E esse calendário aqui é tradição sua? Você que criou?

IO: Meu, eu que criei, junto a meu pai Valdemiro que criei esse calendário. No primeiro sábado de agosto é Olubajé.

Querida, tem uma ressalva porque eu já estou meio velhinho. Em 65 não, 75. Não é 65, o candomblé foi fundado em 6 de junho de 75, em 65 eu estava no seminário.

A primeira semana, o primeiro sábado de agosto é Olubajé, o último sábado de setembro é o Abado. O Abado, preste atenção, quando eu fiz 21 anos de santo meu pai Valdemiro colocou aqui dentro de casa uma festa famosa do Gantois que é a festa das Quartinhas, pra não seguir o mesmo nome eu pedi a ele que colocasse um nome diferente, daí ele colocou a festa do Abado que quer dizer festa do milho, é a festa de Oxossi dos filhos de santo da casa. Depois tem as festas das labás que é no último sábado de outubro. Espere, vamos lá (recapitulação com a ajuda de um filho de santo), 22 de setembro é o Abado, o último sábado de setembro. No dia 12 de outubro Ibeji Iansã e dia 27 de outubro labas, é junto com Xangô. 19 de janeiro é a festa do caboclo, na véspera do meu aniversário. E no dia primeiro de novembro também tem a festa do caboclo, que ele é o dono da casa, então ele que abre e fecha a festa, mas a festa mesmo é 19 de janeiro.

Márcia: Aqui no Efon, ele é muito próximo ao Keto?

IO: Completamente.

Macia: Que eu sei que o Efon é como se fosse a mãe dessas nações. Então como é que é a função dos cargos, tem os mesmos cargos?

IO: Isso aí. Os mesmos cargos e até mais cargos, só que ficou muito resumido nossa nação, porque a fundadora, a que veio com Olorokê na cabeça, Dona Maria da paixão, ela era muito reservada, muito tímida, botou pouquíssimos Yaô, ela não era de muita comunicação, então ela não expandiu o Efon, ficou aquilo muito reservado. Ali tem a fotografia da primeira casa de Efon lá em Salvador, que era a casa dela, a casa matriz que agora pertence a Baiano. Ela botou seis, cinco barcos ela botou durante a vida toda, ela não se dava com ninguém, só quando Olorokê pegava ela e ia dançar afoxé na rua. Ela foi num barco, numa casa e ela entrou, ela estava sentada ela e mãe pequena, aí “trás a galinha pro Yaô, o feijão!” Aí ela levantou na hora, foi embora, ela não gostou disso assim, falar assim, ela não gostava de público, essas coisas. Ela perguntou “pediu pra mim ver o Yaô” ! “”, saiu pela porta a fora, não, ela era. E poucas pessoas aceitavam a nação de Efon por isso, por essa coisa fechada, ela não aceitava. Há, quando ela viu mugunzá, vatapá, caruru, saiu doida, nunca mais voltou e nunca mais foi assistir na casa de ninguém, com ela era muito severo, ela era muito severa. Dona Matilde, assessora dela que era de Jagun, já era mais aberta, já colocou mais barcos.

Márcia: Mas o senhor considera assim que era uma rabugisse dela ou deveria ser assim mesmo, tão rigoroso assim?

Ol: Não, não, não, não, não, então porque que ela não fez como uma finada minha fundadora do Opo Afonjá? Que botou os jornalistas, botou os artistas, que o Opo Afonjá é uma potência. Não, não, carranquismo demais não, em época nenhuma, tem que ter, não uma abertura que nem eu falei lá em cima sobre esse tal de internet, esse tal de, Deus me livre guarde, isso não, aí

também é muita esculhambação. Como esta agora qualquer leigo faz santo, porque tem apostila, tem caderno, agora virou uma bagunça, e candomblé não é isso. Porque candomblé você aprende de Joelho no chão, escutando dos seus mais velhos, candomblé é verbal, não adianta você ter a receita do bolo e não saber o segredo pra fazer a massa crescer. Não existe cabeça igual, como é “dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço” (repetido por todos os filhos de santo na hora).

(sobre as fotos) Filha de santo de meu pai Baiano. ela fez santo de 1965, no ano do quarto centenário do Rio de Janeiro, mãe dele, mãe carnal dele (filho de santo do terreiro), Ivone Pereira dos Santos, Oyá Tundê, filha de santo de Valdemiro Costa Pinto, Yakekerê do alto do Oxossi, daqui da casa, me acompanhou a vida toda, toda, toda, toda, desde o meu surgimento no candomblé e vai ficar eternamente presente. Olha aquela casa aí do lado, eu morando com o caboclo, olha como era a casa, eu que levantei essa casa aí. Aí tudo de bambu, é o barco do ex-marido dela, filho dela, olha, pai que tem o nenê, que vai fazer santo agora, que vai fazer o Ogun do meu pai Baiano. Olha, aquele menininho que estava andando aqui, na última festa de Ogun ela estava grávida dele, Ogun chegou e pediu que fizesse ele, no nenê que ia nascer, o pequenininho, Artur, olha ele ali, é a quarta geração já.

Márcia: Como é o nome da casa aqui?

IO: Axé Nilá Odê, conhecido como Alto d'Oxossi.

Márcia: Por que?

IO: Porque axé é um todo, é toda energia. Nilá é altura, orixá nilá, orixá das alturas. Ode é Oxossi, Alto d'Oxossi, em português. Alto do Oxossi, quando falar Alto d'Oxossi você sabe que é aqui.

Filha de santo: E a maior parte dos candomblés que tem aqui são ligados a esse daqui.

IO: É, Niterói a maioria é. Que somos todos oriundos do Parque Fluminense, que é oriundo o Gantois.

Márcia: então estávamos falando da parte de cargos assim, tem Ekedes e Ogans normalmente?

IO: Tem a ladagan da casa que é ela, Elí de Obaluaê. Tem lalaxé, Bete de Oxum. Otundagan, Lucimar de Oxum, Babakekerê. Ossi lalaxé Paulo Beatriz de Obá e Tatiana de Oxum Otum lalaxé. Tem aqueles dois ali que são Ogans, Vagner e Junior. Humberto de Obaluaê Olorinjena daqui. Tem a primeira Ekedé de oxossi, as duas Ekedes de Oxossi, uma de Oxum e outra de Oxumaré, Isabel e Deise, Ekedes de Oxossi, confirmadas por Pai Gamo e Márcia por pai Baiano.

A data da fundação é 75, eu fiz confusão com o seminário mas é 6 de junho de 75, foi quando André fez santo.

Márcia: Aqui tem algum desses orixás difíceis de fazer?

IO: Irôco e Ewá, são dois santos do Gantois. Um rapaz feito de Irôco e duas meninas feita de Ewá, uma foi feita e outra fez obrigação, Carolina de 12 anos e Célia que tomou obrigação, mas também é minha filha da mesma forma.

Márcia: Porque além da gente fazer esse trabalho do mapeamento destes terreiros, da tradição, da preservação da memória dos terreiros, então na

verdade os terreiros que ainda conseguem fazer orixás que quase ninguém mais encontra e sabe fazer, isso também é importante, pro conhecimento.

IO: Eu só fiz esses dois orixás devido a minha obrigação de 14 e 21 que foi no Keto, porque não são santos de Efon, Ewá nem Irôco é santo de Efon, eu só fiz porque eu estava assessorado por meu pai Baiano, que era do Gantois, senão não teria como colocar. Os santos são completamente diferentes, santo de Efon é Oxum, Oxaguian, Logun Edé, Airá, Oxossi, Ogun, até Oba não é santa de Efon.

Bruno: Vocês têm alguma atividade voltada para a comunidade ou projetos sociais?

IO: Sim, temos agora um projeto de fazer uma ONG, já está tudo pronto. E todo final de ano a gente distribui cesta-básica, roupa, brinquedo. A gente procura também ajudar o natal sem fome.

Bruno: Tem associação a casa?

IO: Tem, mas esta como ela falou, alinhavado, vamos ver se conseguimos agora, fazer assim uma escola, colocar um médico que atendesse a comunidade uma vez por semana, eu gostaria muito. Pessoas que dessem curso aqui o local, de costura, bordado, crochê, tudo isso eu gostaria muito que fizesse. E alguém que divulgasse a nossa língua mãe que é o Iorubá, eu gostaria muito, isso é muito importante.

Filha de santo: Aqui nós temos costureira, enfermeira, a gente só está esperando uma ajuda, porque daí fica mais fácil. A gente já tem a Amplo como uma parceria off-line.

Márcia: Vocês têm cópia de documento, estatuto, diário oficial, planta baixa também?

IO: Tem, lá na pasta azul no armário, pega lá pra mim. A gente tem uma dificuldade muito grande de ter uma planta baixa porque eu sou metido a engenheiro, derrubo aquela porta, empurra pra lá, derruba aquela porta empurra pra cá. Não, agora eu quero um quarto aqui em cima, eu tenho essa mania, herdei de seu Valdemiro. Cada hora eu abro uma porta num canto, mas agora eu vou parar. Esse telhado com certeza não vai ficar assim, o vento aqui é enlouquecedor, é muito alto, mas meu sonho é colocar aquela telha assim, e bandeirinha que eu quero botar e eles não querem deixar eu colocar bandeirinha no meu barracão. Bandeirinha é lindo, o Gantois é cheio de bandeirinha, eu adoro bandeirinha.